



**X Fórum
Nacional
NEPEG**

**de Formação
de Professores
de Geografia**

percursos teórico-metodológicos e práticos da Geografia Escolar

**POR UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA DO ESPAÇO ESCOLAR URBANO:
O PRÉ-UNIVERSITÁRIO COLÉGIO ANHANGUERA**

Raquel de Albuquerque Franco Ramos de Castro
Programa de Pós-graduação em Geografia – IESA/UFG
raquelcastrojk@gmail.com

Resumo: O espaço escolar é o meio pelo qual se estabelecem as relações do processo de ensino e aprendizagem e formação cidadã por alunos e professores; os quais estabelecem ali suas relações sociais e, por conseguinte, espaciais. Considerando a escola parte basilar da formação cidadã pensamos se sua estrutura espacial da conta desta função? Entre outras indagações que nos levam a compreender a escola como um espaço geográfico, a fim de entender a espacialidade deste fenômeno refletido nas relações e vivências produzidos nos/ pelos sujeitos que atuam neste espaço. Escolhemos para análise o Pré-universitário Colégio Anhanguera por funcionar nas dependências do Centro Universitário Uni-ANAHANGUERA, ambiente de Ensino Superior que leciono no curso de Arquitetura e Urbanismo, além de contemplar o tema de pesquisa da minha tese de doutoramento. Adotamos alguns pressupostos de uma pesquisa-ação de abordagem qualitativa com método de interpretação dialético utilizando-se os instrumentos de aplicação de observação empírica, questionário e entrevistas aos sujeitos escolares. Escolhemos, para a análise espacial da escola, afim de ampliar os conceitos e sentidos de espaço geográfico os desenvolvidos por Santos (1992, 1996), Lefebvre (2006), Harvey (2012), Gomes (2013), e Ascensão e Valadão (2014), utilizados como ferramentas teóricas que permitiram compreendê-la. Observou-se que a investigação do espaço escolar urbano por um olhar geográfico nos permite aprofundar a discussão de uma produção social ampliada das funções da escola, bem como construir um entendimento sobre sua produção espacial com vistas a levar tais olhares para a esfera dos planejadores e arquitetos responsáveis por uma melhor concepção espacial urbana.

Palavras-chave: espaço escolar; análise geografia; concepção espacial urbana.

Introdução

O espaço escolar é o meio pelo qual se estabelecem as relações do processo de ensino e aprendizagem e formação cidadã por seus principais sujeitos: alunos e professores; os quais estabelecem ali suas relações sociais e, por conseguinte, espaciais. Diante desta constatação, muitos estudos vêm sendo empreendidos na atualidade com a intenção de se entender como tais relações ocorrem a compreensão da constituição do objeto central de descrição da Ciência Geográfica, que é o espaço. Nele, nos deparamos com a natureza e um intrínseco sistema de objetos e de ações articulados pelo homem ao longo de sua história, como bem nos coloca Santos (1996).

Vários autores canalizam seus estudos a fim de se definir, estudar, analisar como se dá a formação e constituição desses espaços, principalmente em meio urbano, onde ocorre a maior concentração da população mundial, e no caso do Brasil cerca de 84% (IBGE, 2010) da população vive nas cidades. A partir desses estudos, cada qual em sua área de concentração do conhecimento, nos permite compreender a escola como um espaço geográfico (SILVA, 2016; PINTO, 2010; MARQUES, 2007) e sua atual capacidade de formar cidadãos críticos de seu papel social por meio dos professores, em especial de geografia, que fomentam sua mediação.

Neste contexto surgem algumas questões importantes a se considerar tendo a escola parte basilar da formação de cidadãos, nos faz indagar se sua estrutura espacial da conta desta função? Estão os professores de geografia utilizando-a como espaço geográfico a fim de se atingir tal objetivo? Sabendo-se que os sujeitos formam significado aos objetos e ações, formando identidade e alteridade, como os mesmos percebem, concebem e vivenciam este espaço? E, ainda, diante das mudanças propostas para a Educação Básica segundo a Lei 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, previstas para o Ensino Médio, tais como a posição secundária dada à Geografia e a ampliação da carga horária mínima anual, nos faz pesar se escola, professores e alunos estão preparados para essa adequação?

Entendendo a escola como um espaço geográfico, cabe aqui analisar um paradigma que se dedique, em especial, ao ensino médio, a fim de compreender a espacialidade deste fenômeno refletindo sobre as relações e vivências produzidos nos/pelos sujeitos que atuam neste espaço. Se tratando de um artigo desenvolvido na disciplina de Formação de Professores em Geografia, do Programa de Pós-graduação em Geografia do IESA/UFG, optou-se em

trabalhar com unidades as quais os pós-graduandos estivessem ligados. Desta forma, foi escolhido para esta análise o Pré-universitário Colégio Anhanguera, pelo mesmo funcionar nas dependências do Centro Universitário Uni-ANAHANGUERA, ambiente de Ensino Superior que leciono no curso de Arquitetura e Urbanismo. E, além disso o mesmo contempla o tema de pesquisa da minha tese de doutoramento.

Metodologia

É comum relacionarem a escola como um espaço de socialização e convivência, retirando dela a riqueza das suas relações e processos. Segundo Marques (2013, p.7), “as formas como concebemos e nos relacionamos com o espaço, além do sentido que a ele atribuímos são, primeiro, construções e como tal devem ser consideradas e tratadas”. Assim, trazendo a escola para uma análise espacial, permite aplicar os conceitos e sentidos de espaço geográfico, tais como os que são tratados por Milton Santos (1992, 1996), Henri Lefebvre (2006), David Harvey (2012) e Paulo Cesar Gomes (2013), que estaremos realizando uma aproximação e utilização como ferramentas teóricas que permitam compreendê-la.

Se considerarmos a escola apenas como espaço de socialização podemos estar reduzindo-o ao papel de uma cena, imóvel, chegando a confundi-lo com outras categorias espaciais como lugar, paisagem ou território. É possível se ler o espaço através delas, todavia, não é o espaço. Se o fizermos, corremos o risco de deixar de perceber a dinâmica dos processos diversos que ocorrem cotidianamente ora determinados por ele, ora influenciando-o. Marques (2013) considera que o espaço é o produto das relações, e por ser dinâmico também as produz, afirmando ser necessário assumir o conceito de espaço como construção.

Ao pensarmos em um lugar, muitas vezes acabamos nos referindo a alguma delimitação física; porém neles ocorrem as relações da experiência humana em diversas dimensões dos sujeitos e da sociedade. Assim, podemos defini-lo também pela sua posição relacional, ou seja, “cabe pensarmos como um lugar de algo, ou relativo a algum tipo de função” (MARQUES, 2007, p.47). Mas, ele também é cheio de valores, sentimentos de pertencimento que geram identidades individuais e coletivas; podendo ainda ser considerado com um “não lugar” (sem pertencimento ou objetivações) ou como “entre

lugar” (pertencimento temporário, espaço de fronteira, 3º espaço), como nos afirma Pinto (2010).

Das percepções subjetivas advindas nas experiências vividas nos espaços, surge uma dificuldade de questionar o que se encontra no domínio dos sentidos que nos conduz a atribuir valor relacional. Marques (2013, p.8) afirma que é esta “percepção da experiência espacial e ela própria que se transforma, assim, em concepção do espaço”. Carregada de contextualizações e marcas dos tempos e dos lugares, oriundas das relações sociais e produtivas que constroem as acepções de espaço, em que Harvey (2012) defende-o como uma palavra-chave, que pode ser avaliado por uma visão tripartite: absoluto – relativo – relacional.

Para o autor “o espaço não é absoluto, nem relativo, nem relacional em si mesmo, mas ele pode tornar-se um ou outro separadamente ou simultaneamente em função das circunstâncias” (2012, p.14). Permanecendo em tensão dialética um com o outro, esses três conceitos tornam-se importantes para se refletir a respeito da natureza desse espaço, que Harvey nos descreve primeiro como sendo ele *absoluto* como as formas e volumes, da dimensão material do mundo. O Segundo, espaço *relativo*, como aquele que não existe em si mesmo, dependendo da relação com outros espaços, eventos, pessoas, coisas. E terceiro, o espaço *relacional* que agrega, além da relação, a dimensão do intangível, que considera a sensibilidade, afeto, imaginário, que se interliga à identidade.

Costa (2014) alcança uma aproximação entre David Harvey e Milton Santos ao se preocuparem com uma falta de clareza conceitual do tema, e caminham na elaboração de análises complementares para o espaço. E, nesse contexto a paisagem, pode ser uma categoria utilizada durante esse processo, pois se refere ao domínio da percepção, dos sentidos e da experiência. Ela é, então, o real e a sua interpretação ao mesmo tempo. “É o físico e o simbólico, um recorte do espaço no tempo e do tempo no espaço. (...) A ela se referem os olhares, as visões e as percepções da realidade. Sobre a paisagem e seus objetos despejam os valores simbólicos (MARQUES, 2007, p. 47).

Milton Santos aproxima nosso olhar por meio desta categoria de análise, afirmando se tratar de “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. (...). Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons” (1988, p. 61). Considerando relevante salientar ser ela o resultado cumulativo dos tempos, refletidos por uma sociedade que deixa suas marcas no espaço. Assim, a paisagem se forma “pelos fatos do

passado e do presente. A compreensão da organização espacial, bem como de sua evolução, só se torna possível mediante a acurada interpretação do processo dialético entre formas, estrutura e funções através do tempo” (1992, p.50).

Santos associa o estudo da paisagem a uma escavação arqueológica em função de considerar presentes na mesma várias formas provenientes de tempos passados. Mesmo que seus valores e funções mudem, sua durabilidade irá a todo momento denunciá-las no tempo. Formam assim, como o autor chama, rugosidades, mesmo que se alterem as estruturas durante o processo de ação contínua desta sociedade no tempo, seus registros se mantêm. Nesse contexto, entende como *forma* o aspecto visível de objetos, por *função* uma atribuição para os objetos (formas), a *estrutura* vincula-se a inter-relação de todas as partes de um todo, e por *processo* as ações contínuas que se desenvolvem entre os objetos implicando em continuidade de mudanças (temporais).

O autor avança em suas obras propondo alcançar a partir daí o conceito de espaço como conjunto indissociável de *sistema de objetos e ações* interacionados a partir da sistematização implementada pelos *fixos e fluxos* que interagem entre si como um sistema. Todo o seu pensamento está sempre engendrado pelo conceito de totalidade que envolve todas as partes em relação mútua, conjunto de coisas e sujeitos em suas relações em movimento. Para ele a *totalidade* “só se torna existência, só se realiza completamente, através das formas sociais, incluindo as geográficas” (1996, p.98).

Lefebvre (2006) entende o espaço como um produto social, fruto das relações sociais, em que espaço e tempo são elementos indissociáveis. Neste sentido, há uma proximidade ao pensamento de Santos ao entender que a produção do espaço é tida como processo, que para ele envolve os sujeitos, suas práticas e o modo de produção. O autor articula dialeticamente uma tríade que sempre mantém relacionada que reúne as práticas espaciais, as representações do espaço e o espaço de representação, também articuladas em dimensões do espaço como percebido, concebido e vivido, respectivamente.

Por *concebido*, o autor define o espaço dominante planejado, projetado, parte da materialidade das coisas; pelo espaço *percebido* aquele engendrado pelas experiências e percepções dos sujeitos sociais em seu cotidiano; e o *vivido*, como parte das experiências e vivências dos sujeitos com o espaço (SILVA, 2016). E, assim como Santos e Harvey, Lefebvre “considera que para entendermos o espaço, a dimensão temporal é de suma importância.

Espaço e tempo se articulam, num mesmo grau de importância, na constituição do real” (ibidem, p. 37). Assim, o centro da teoria lefebvriana se encontra ligado à realidade social, em que o espaço é um produto social, produz e é produzido socialmente, não existindo em si mesmo, “a priori” (como primeira natureza).

Procurando compreender o espaço escolar como geográfico, direcionaremos o lugar do nosso olhar, como sugere Paulo Cesar Gomes (2013), a uma perspectiva que seja capaz de ler e representar as tensões do mundo refletidas na escola por meio dos sujeitos que ali atuam. O autor parte da percepção da paisagem, através da **observação/contemplação**, associando a sua espacialidade às circunstâncias espaço-temporais que se movimentam e a circundam. Para ele, as circunstâncias são os resultados das relações sociais que ocorrem e determinam o cenário, todavia, está na espacialidade todo o aspecto que irá determinar como vamos olhar o espaço.

Gomes (2013, p.17), define a especialidade como sendo “o conjunto formado pela disposição física sobre esse plano de tudo que ele contém. Corresponde, assim ao resultado de um jogo de posições relativas de coisas e/ou fenômenos que se situam, ao mesmo tempo, sobre esse mesmo espaço”. Neste contexto destacam-se três noções importantes a se atentar: o **ponto de vista**, a **composição** e a **exposição**. O primeiro refere-se à posição, o lugar do olhar como sistema de representação (posicional); o segundo avalia as formas, cores, coisas, junção estruturada de diversos elementos desta paisagem; e, o terceiro, tem relação com o lugar da visibilidade, e esta por sua vez possui 3 elementos que a referenciam: a significação (lugar do evento), a morfologia (aspectos físicos do lugar) e os observadores (sujeitos sociais – público).

Reunidos todos esses requisitos do olhar, sua contemplação pode evoluir a duas outras formas de se desenvolver um pensamento, que neste caso, é geográfico. Segundo o autor, o primeiro seria a **descrição**, reunindo os elementos do conhecimento empírico/morfológicos levantados da paisagem, dizendo como ela é composta, como o espaço se apresenta. E, o segundo é a **narração**, finalizando o percurso acrescentando ao anterior a escala espaço-temporal, estabelecendo uma linha de coerência entre os atos, eventos ou elementos que se sucedem ao tempo.

Coadunando com o autor, Ascensão e Valadão (2014, p.5) percorrem um caminho teórico-metodológico no ensino de geografia a fim de munir o educando para a “capacidade

de interpretação da espacialidade através da articulação entre os *conceitos fundantes*, o *tripé metodológico* da geografia e o *conjunto de processos* que fazem um fenômeno atuar sobre um dado espaço”. Os conceitos estruturantes estão baseados nas questões do espaço, tempo e escala; enquanto que o tripé metodológico corresponde a *localizar, descrever e interpretar* a espacialidade do fenômeno. Para os autores, o passo que finaliza esse raciocínio seria a identificação dos problemas inerentes aos fatos, para em seguida buscar as soluções de minimização dos mesmos.

A articulação dos sistemas conceituais dos autores constitui-se em nossa ferramenta para a análise do espaço escolar. Todos eles são unânimes em considerar que existe uma circunstância, um contexto que envolvem os fenômenos espaciais que precisam ser considerados e analisados. Buscando-se compreender sua totalidade, Santos nos auxiliará a enxergar o espaço escolar através da percepção de suas formas, funções, estruturas e processos, estabelecido em um intrínseco conjunto de ações e objetos permeados por seus sistemas de fluxos e fixos. Por meio das contribuições de Harvey será possível analisar as relações dos sujeitos com a escola em seu tempo/espaço, a partir de suas práticas cotidianas e suas relações sociais com o espaço absoluto, relativo e relacional. Já Henry Lefebvre é fundamental para o entendimento de como o espaço, em todas as suas dimensões, é produzido; engendrado pelo concebido, percebido e vivido. E, os resultados poderão ser avaliados segundo o ponto de vista de Gomes, Ascensão e Valadão; interpretando os fenômenos geográficos a partir da espacialização escolar do Pré-universitário Colégio Anhanguera.

Resultados

Partindo-se da leitura geográfica do espaço escolar, do ponto de vista do geógrafo, como discutimos inicialmente por Gomes (2013) e Ascensão e Valadão (2014), procuramos olhar a instituição escolar a partir de sua dimensão espacial buscando ter em seu cerne o raciocínio geográfico. E, neste caminho procuraremos localizar, descrever e interpretar os fenômenos encontrados a fim de se identificar os fatos e buscar os caminhos para possíveis soluções.

Segundo as análises aplicadas ao espaço geográfico escolar do Pré-universitário Colégio Anhanguera (Figura 1), por meio das fundamentações teórico-metodológicas de Milton Santos, David Harvey e Henri Lefebvre, podemos assegurá-lo como tal. O intrínseco sistema de objeto e ações fortemente resguardado pelo conjunto de fluxos sobre os fixos vem demonstrando uma forte ligação entre as prática espaciais dos sujeitos que ali atuam com a instituição. As quais foram bem evidenciais pelas relações com os espaços absolutos, relativo e relacional que os mesmos demonstraram possuir ao reproduzirem-no na escala do percebido, concebido e vivido.

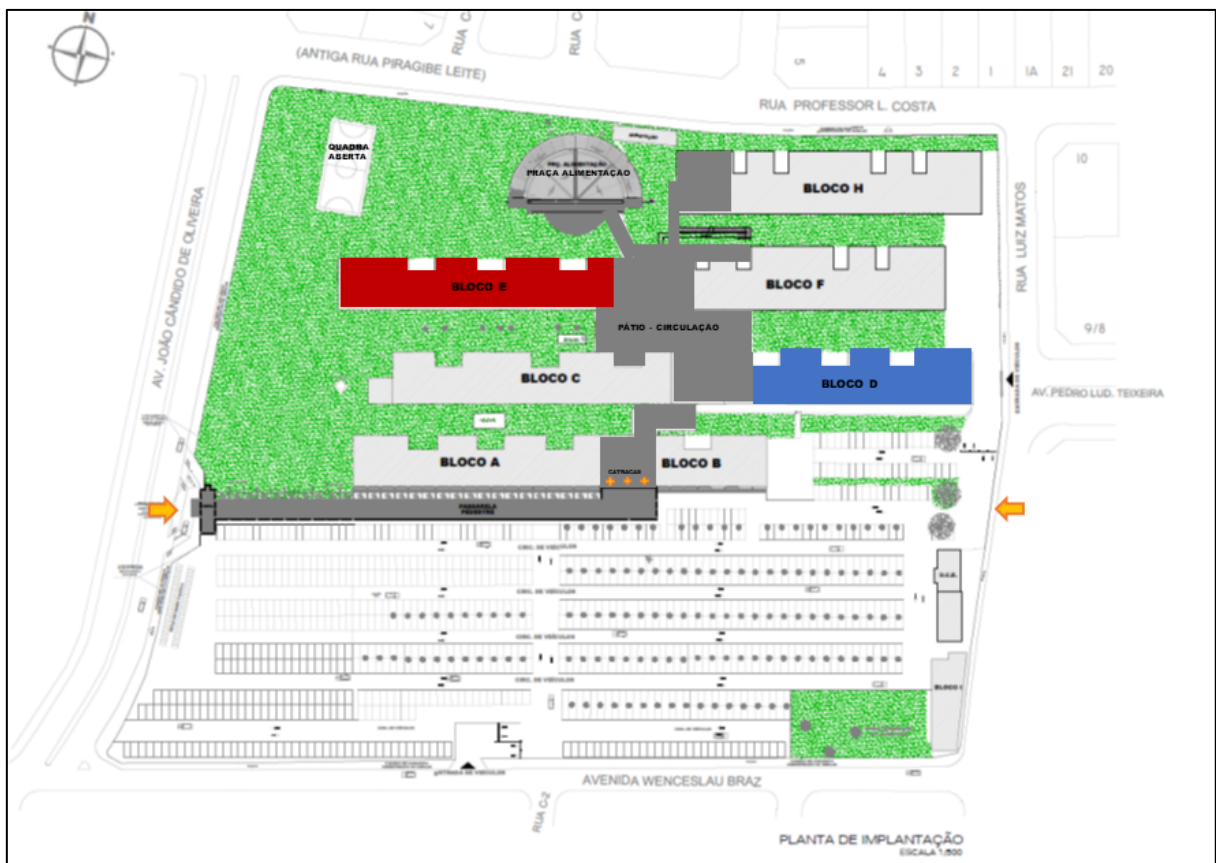


Figura 1: Planta de Implantação da IES (atua)
Fonte: Imagem fornecida pela IES, manipulado pela autora

As formas físicas encontradas apresentam-se como um espaço dominante caracterizado e bem utilizado em seus sistemas de fluxos e fixos no atendimento dos processos estruturais estabelecidos pelo conjunto de objetos e ações. Atrelado às dinâmicas sócio-culturais-espaciais estabelecidas no mesmo, o caracterizam como um espaço geográfico.

As relações cotidianas dos sujeitos com o Colégio, via práticas espaciais evidenciaram, pelas percepções e vivências no e com o espaço escolar, as seguintes situações descritas no Quadro 1 a seguir:

Quadro 01: Descrição das práticas espaciais pelos sujeitos da escola

Dimensões do espaço	Pelos sujeitos alunos	Pelos Sujeitos Professores, gestores, administradores
Absoluto	Percebido pela falta de infraestrutura de determinados ambientes, tais como: a quadra, o pátio e o corredor da entrada	Percebido pela falta de infraestrutura da quadra de esportes.
Relativo	As relações afetuosas e de desafetuosas que são estabelecidas em sala de aula, o bom convívio com os amigos nos ambientes de sociabilização	Relações indisciplinares com os alunos em sala de aula
Relacional	As apreensões no corredor da entrada, o medo das proximidades do portão e o anseio pelo intervalo	Medo das proximidades com o portão, e uma confortável sensação de bem estar em trabalhar neste ambiente escolar.

Ao reproduzirem nos espaços absolutos suas práticas espaciais, os sujeitos projetam, cotidianamente uma forma particular de utilizar os ambientes oferecidos a eles nesta instituição através da esfera do concebido, percebido e vivido. Assim, imprimem novas relações e funções aos espaços, como uma resistência ao poder, em virtude do sentimento de pertencimento aos mesmos. Para tanto, podemos ver resumidos no Quadro 02 a seguir:

Quadro 02: Descrição das produção espacial pelos sujeitos da escola

Ambientes	Pelos sujeitos alunos
Entrada	Nestes termos, os limites <i>territoriais do poder</i> disciplinar instituído da escola não os oprimem. Assim, os alunos percebem este espaço concebido como de passagem em estar e estabelecem relações agradáveis no espaço, tangendo a dimensão do vivido.
Pátio	Concebido para o encontro, as feiras, e eventos é na esfera do percebido e do vivido, assim com o corredor de entrada, que a área de pátio estabelece conexões importantes de liberdade que a sala de aula não proporciona. Toda via, há determinados territórios que são dominados por meninos ou meninas, ou grupos do Ensino Fundamental ou do Médio
Quadra	Mais um dos ambientes que insinuam liberdade e descontração, é com esse olhar que os alunos percebem e vivenciam este espaço, convivendo livremente com territorialidades estabelecidas entre eles e suas atividades.
Praça de Alimentação	Concebida para a finalidade das refeições serem oferecidas e servidas ao usuário, seja ele do Ensino Fundamental, Médio ou Superior, é percebida e vivenciada como tal pelos alunos. A produção deste espaço é proporcionada dinâmicas semelhantes à dos shoppings que os alunos costumam frequentar. Territorialidades podem ser percebidas nas áreas utilizadas, bem como nos horários por tipos distintos de alunos, seja por idade, sexo ou estilo
Sala de Aula	Mesmo tendo uma concepção do espaço de sala de aula que mantém uma certa qualidade e bem-estar, a forma como os alunos percebem o espaço e têm suas experiências diversificadamente, em muito irá depender do desempenho do professor e de suas relações com os alunos

Identificamos que o Colégio possui uma variada área espacial com grande potencial para se melhor utilizadas por seus sujeitos, em especial os alunos. E, que dentro deste contexto pouco se tem usufruído para o desenvolvimento de práticas mais cidadãs pelos professores de geografia, o que acreditamos ocorrer em virtude de os professores serem novatos na escola e pela mesma está inclusa dentro de um Centro Universitário cujas divisões são imaginárias apenas. E, que as reformas na Educação Básica, quanto à BNCC, em pouco, ou quase nada, até o momento chegaram a influenciar na dinâmica estrutural da escola, sua grade de horários permanece o mesmo, seu currículo básico também.

Discussão

Após as referidas descrições a cerca da análise do espaço escolar do Pré-universitário Colégio Anhanguera por meio de um olhar geográfico, pudemos observar questões relevantes que requerem atenção por parte da gestão da escola e da IES. Podemos elencar a relação de condicionantes que podem tornar este espaço ainda mais significativo tanto para o sentido de pertencimento e referência dos jovens alunos, quanto para a formação de cidadãos para o mundo:

- ✓ No corredor da entrada, *seria mais atrativo se contasse com bancos* para uso nesses momentos, vê-se que não foi concebida para este fim, mas que o abarca pelos jovens.
- ✓ Alguns jovens consideram não gostar do pátio em virtude da *falta de estrutura de mobiliário de lazer* – estar urbanos (bancos, pergolados), pois constituem-se em espaços para os momentos mais esperados por eles.
- ✓ A quadra de esportes, com certeza, trata-se de um espaço, *como os anteriores que requerem, ao olhar de todos, uma readequação arquitetônica.*
- ✓ A falta de uma formação continuada com aplicação de saberes docentes que incentivem tanto os professores de geografia, como os demais, a alcançarem práticas cidadãs a seus alunos.
- ✓ Ausência da utilização do espaço geográfico da escola com repertório das temáticas tratadas por esta ciência, aprofundando a discussão da produção do espaço escolar.

- ✓ Disponibilização e discussão com a comunidade escolar do PPP, com vistas a melhorar e ampliar o plano de ação do mesmo, na perspectiva da construção cidadã do caráter desses jovens alunos.

O desenvolvimento desta pesquisa de investigação do espaço escolar por meio do olhar geográfico nos permite aprofundar a discussão de uma produção social ampliada das funções da escola. Observamos de diferentes interpretações, reconhecendo que ela fazer parte de um centro de transmissão de conhecimento e manutenção de normas e condutas articuladas pela compreensão da prática cidadã de seus sujeitos. Neste sentido, a articulação dos conhecimentos por vários autores que vêm discutindo esta categoria premente da Geografia, que é o espaço, permite ampliar a compreensão do espaço em si, bem como da prática docente, independente da formação acadêmica do mesmo.

Além disso, também sinaliza que o conhecimento sobre a produção do espaço escolar pode vir a ser aproveitado na esfera da produção de espaços mais humanos, alegres, livres e que venha possibilitar uma formação crítica e cidadã aos sujeitos. Tornando-se possível levantar entendimentos das relações que se perpetuam e influenciam nos espaços físicos que os tornam produto e produtor de espaços por meio das relações vivenciadas pelos diferentes sujeitos que o constituem em determinado momento de tempo que estão. E, a partir daí iniciar uma discussão na esfera dos planejadores e arquitetos responsáveis por suas alterações, visando uma melhor concepção espacial.

Referências

- ASCENÇÃO, V. O. R. e VALADÃO, R. C. Entre o Estudo do Fenômeno e a Interpretação da Espacialidade do Fenômeno. **Scruta Nova. Revista Electronica de Geografia Y Ciencias sociales**, n. 494 (03), 2014.
- COSTA, F. R. da. O Conceito de espaço em Milton Santos e David Harvey: uma primeira aproximação. **In: Revista Percursos – NEMO**. Maringá, v. 6, n. 1, p. 63-79, 2014.
- HARVEY, David. O espaço como palavra-chave, **In: Revista EM PAUTA**, Rio de Janeiro, 1º semestre de 2015, n. 35, v. 13, p.126-152. Disponível em: <http://www.e-ublicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/18625/13595>. Acessado em: 25 fev. 2018.
- LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4ª éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão : início - fev. 2006.
- MARQUES, Roberto. **A escola numa perspectiva espacial**. 2007. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

- _____. Por uma perspectiva espacial da escola. In: **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 3, n. 5, p. 05-20, jan;jun, 2013
- SANTOS, Milton. Estrutura, processo, função e forma como categorias do método geográfico. In: SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1992. P.49-59.
- _____. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____. **Natureza do Espaço – Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SILVA, A. B. **A Geografia do espaço escolar: jovem-aluno, práticas espaciais e aprendizagem geográfica**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Sócioambientais (Iesa). Goiânia: 2016.
- PINTO, Kinsey Santos. As representações sociais atribuídas ao (sub)espaço geográfico escola. In: ENPEG – 10º. **Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia**. Porto Alegre, 2009.
- _____. **As representações sociais atribuídas ao (sub)espaço geográfico escola**. 2010. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências, Programa de Pós graduação em Geografia, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2010.